

Produção de eventos: texto e compartilhamento de sentidos na perspectiva da Escola de Montreal

Production of events: text and sharing meanings from the perspective of the Montreal School

Marlene da Silva Bomfim

Mestra em Comunicação na Universidade Católica de Brasília (2017); Especialista em Gestão da Comunicação nas Organizações pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília-UnB (1999). Possui graduação em Letras pelo Centro Universitário de Brasília (1986). Atualmente ocupa o cargo de Produtora Cultural - NS, na UnB. Coordenou diversos projetos e eventos de grande porte, entre eles, as dez edições da Semana de Extensão da UnB (2001 a 2010); a UnB na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) nos anos de 2008, 2009 e 2010. Exerceu o cargo de Coordenadora de Eventos de Extensão do Decanato de Extensão da UnB (DEX), no período de 1986 a 2010. Atua na Coordenadoria de Comunicação Integrada/Divisão de Publicação e Relacionamento do DEX. Entre outras competências, presta assessoria técnica aos assuntos institucionais relacionados ao Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas Brasileiras (FORPROEX); representa o DEX em atividades demandadas pela Diretoria de Processos Organizacionais do Decanato de Planejamento e Orçamento da UnB e em outras áreas de interesse do DEX.
Email: marlenebomfim2@gmail.com

Robson Dias

Jornalista, Relações Públicas, mestre e doutor em Comunicação. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília (PPGE/UCB). Linha de Pesquisa Política, Gestão e Avaliação da Educação. Email: rbsn.dias@gmail.com

Victor Márcio Laus Reis Gomes

Publicitário, mestre em Administração e doutor em Comunicação. Professor e pesquisador do PPGCOM/UCB, linha Processos Comunicacionais nas Organizações. Líder do grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos Comunicacionais da Estratégia (ESTCOM). Líder do projeto de pesquisa O noticiário de negócios e os discursos sobre a estratégia em grandes empresas privadas do Distrito Federal - FAPDF - 193.001.037/2015 - Projeto Externo. Email: victor.gomes@ucb.br

João José Avevedo Curvello

Jornalista, mestre e doutor em Comunicação. Professor e pesquisador do curso de Comunicação Organizacional (UnB) e da linha de Teorias e Tecnologias de Comunicação (PPGFAC/UnB). Líder do grupo de Pesquisa em Comunicação Organizacional e Pensamento Sistêmico (COMSiS). Email: curvello@unb.br

Resumo

O objetivo é identificar e analisar formas e bases de construção de textos no planejamento do evento “Boas-Vindas aos Calouros” da Universidade de Brasília, tendo como referência as inovações sobre comunicação organizacional propostas pela Escola de Montreal. O estudo tem como escopo os papéis do texto (a comunicação em suas formas) e do compartilhamento de sentidos em situações organizacionais e foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo, voltada para o referido evento que é realizado semestralmente. Trata-se de um estudo de caso que abrangeu a fase de pré-evento da edição do segundo semestre de 2017, constituída de reuniões realizadas na própria instituição. O “locus empírico” foi o momento e o espaço de interação dos agentes nos quais o texto emergia por meio de discursos, promovendo diálogos entre os integrantes da comissão organizadora do evento e a coordenadora. A coleta de dados, realizada pela pesquisadora por meio de observação, centrou-se especificamente no texto oral e na linguagem gestual, para tanto utilizando-se de gravações e de anotações manuais, conforme o contexto de cada reunião. Considerou-se texto todas as formas de mensagem que produziam um significado, independentemente de seu compartilhamento. A análise dos dados pautou-se no parâmetro interpretativista, foco da Escola de Montreal, e os resultados demonstraram que, a despeito da informalidade observada na linguagem, não houve qualquer prejuízo de sentido na disseminação das mensagens.

Palavras-Chave

Escola de Montreal; Eventos; Texto; Compartilhamento de sentido.

Abstract

The objective is to identify and analyze forms and bases for the construction of texts in the planning of the “Boas-Vindas aos Calouros” event at the University of Brasília, having as reference the innovations in organizational communication proposed by the School of Montreal. The study has as its scope the roles of the text (communication in its forms) and the sharing of meanings in organizational situations and was developed through a field research, focused on the referred event, which is carried out every six months. This is a case study that covered the pre-event phase of the 2017 second semester edition, consisting of meetings held at the institution itself. The “empirical locus” was the moment and space for the agents' interaction in which the text emerges through speeches, promoting dialogues between the members of the event's organizing committee and the coordinator. Data collection, carried out by the researcher through observation, focused specifically on the oral text and sign language, using recordings and manual notes and considering the context of each meeting. Text was considered to be all forms of message that produced meaning, regardless of their sharing. Data analysis was based on the interpretive parameter, focus of the School of Montreal, and the results showed that, despite the informality observed in the language, there was no loss of meaning in the messages.

Keywords

School of Montreal; Events; Text; Sharing meaning.

Introdução

A Escola de Montreal, como é chamado um grupo canadense de pesquisadores da comunicação organizacional, defende a ideia de que a organização emerge da comunicação e que haverá organização sempre que houver necessidade de se trabalhar em conjunto para se alcançar uma mesma finalidade. Nessa perspectiva, o grupo identificou o texto, produtor de significados, e o respectivo compartilhamento como elementos que estruturam as organizações e respondem por sua manutenção. O foco no texto diferencia a visão dessa Escola da visão de linguistas, que se voltam para a conversação.

Esse novo entendimento de organização pode ser aplicado a eventos, cujas características grupais e sociais fazem com que eles ultrapassem a noção básica de simples operacionalização, por meio de procedimentos lineares, e alcance conceito de comunicação, por meio de estratégias que buscam aproximação e compartilhamentos de algo com o público.

Desde 2009, a Universidade de Brasília realiza semestralmente um evento chamado “Boas-Vindas aos Calouros”. Como o nome indica, esse evento visa recepcionar os calouros recém-aprovados no vestibular, de modo geral apresentando um panorama da Universidade e, de modo particular, uma breve visão das áreas para as quais foram aprovados. O intuito é integrar os calouros aos veteranos, aos servidores e aos professores, estimulando-os a novas atitudes. Por ser um evento de grande porte – alcança cerca de 4 mil pessoas –, o Boas-Vindas também serve de instrumento para valorizar a imagem da Universidade perante a sociedade e de importante oportunidade para o lançamento de campanhas institucionais.

Em uma produção de eventos, as atividades são desenvolvidas de modo mais dinâmico e envolvem agentes distintos quanto à formação, habilidades e experiência geral e específica. Na maioria das vezes, pelo próprio prazo estipulado para sua realização, não há como se gastar mais tempo com correção de ações causadas por interpretações diferentes, seja porque o conteúdo das informações (o texto) foi processado automaticamente, sem alguma

reflexão, seja porque seu sentido não foi compartilhado devidamente, não só quanto à semântica. Há aí um aspecto importante, que é o não dito, porque se presume ser costume fazer assim ou porque sempre se soube que era assim.

Essa problemática realça os papéis do texto (a comunicação em suas formas) e do compartilhamento de sentidos em situações organizacionais, do que surgem diversos questionamentos, como este: de que forma e em que bases se constroem textos na produção de eventos? O objetivo do trabalho é identificar e analisar formas e bases de construção de textos no planejamento do evento Boas-Vindas aos Calouros da Universidade de Brasília (UnB), tendo como referência as inovações sobre comunicação organizacional propostas pela Escola de Montreal, principalmente a noção de texto como norteador de ações, criador e mantenedor de organizações.

Para essa Escola, a linguagem tem funções simultâneas: de conteúdo – porque trata de assuntos; interpessoal – porque é dirigida a alguém com perguntas ou solicitações, e textual – porque envolve os modos de expressar a língua em relação aos padrões disponibilizados, visando à construção de sentido (TAYLOR (2007). “O sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele”. Qualquer texto expõe uma pequena superfície e uma imensa área subjacente (KOCH, 1997, p. 26). Dessa forma, para se alcançar o que está implícito e se extrair sentido dele, é necessário ativar processos e estratégias de cognição e de interação.

Em situações formais ou de objetivos a serem cumpridos, ainda mais em tempo relativamente exíguo, como em eventos, o texto merece atenção e cuidado mínimos, com vistas a tornar o processo de comunicação mais efetivo. A investigação deixa implícita a importância que se deve dar ao receptor no processo de comunicação, para que as ações decorrentes dos textos sejam efetivas relativamente ao que propõe o evento.

A abordagem desse tema é oportuna, principalmente nestes tempos em que a celeridade imprimida pelas mídias sociais à comunicação em todos os níveis tem como contraponto o descuido geral para com o texto, muitas vezes trazendo consequências negativas. A Escola de Montreal, pouco estudada no Brasil, retoma a importância dele, inclusive na perspectiva de posterior compartilhamento seguro quanto às ações provenientes dele, referentes aos objetivos organizacionais. E a produção de um evento constitui-se em oportunidade para verificar a construção de textos sob a ótica daquela importância e na perspectiva ampliada da comunicação organizacional, condizente com a abertura conceitual trazida pela evolução.

A Escola de Montreal

A Escola de Montreal (EM) é muito difundida na América do Norte, na Europa e na Oceania (CASALI, 2009). O pressuposto adotado por essa Escola surgiu de uma lacuna observada em pesquisas sobre comunicação organizacional que não investigaram fenômenos sociais com base na linguagem ou no discurso, mesmo reconhecendo a importância desse último. Para Giddens (2003), atividades não são criadas, mas recriadas por agentes sociais, pelos meios através dos quais se expressam. Para Weick (1995), o ambiente é feito pelos indivíduos e pelas organizações quando percebem, interpretam e armazenam experiências, devendo-se equiparar processos individuais e organizacionais na produção de significados. A EM teve como desafio esclarecer o que não estava claro nesses pressupostos (CASALI, 2005; 2007).

No início das investigações da EM, Taylor (2007, p. 85) verificou nas conclusões de Virgili que “as rotinas e a distribuição de tarefas envolvidas (na atividade organizacional), tal como eram interpretadas pelo sistema, não correspondiam, mesmo remotamente, às

respectivas práticas [...]” Nos estudos de Fauré, ele observou em uma empresa de construção que a complexidade de sua realidade não podia ser totalmente “capturada” pelo *software* que se implantou, porque *softwares* “são o produto de escritores”.

Os “escritores” que usam o código do computador, baseado na lógica binária, não podem esquecer que os produtos por eles gerados são intrinsecamente *textuais*. Como textos, descrevem o que os programadores adoptam para se tornar na estrutura da realização das tarefas da organização. [...]os programadores de sistema reclamam realmente ter escrito “o texto” da organização (TAYLOR, 2007, p. 86).

No texto, Taylor (2007) observou que a lógica da comunicação hierárquica (de controle centralizado) e a lógica das tarefas organizacionais horizontais (de execução) chegavam a ser quase incompatíveis e até contrárias em alguns aspectos. Daí ele explorou a ideia de texto organizacional como aquele que se encontra virtualmente presente em todas as atividades contínuas das pessoas, de forma tácita ou explícita, e que representa, pontualmente, as formas de implementação das ações.

Com base nisso, a EM passou a explicar as organizações como “processos de organizar” (WEICK, 1995) que emergem da comunicação ou emergência das organizações pela comunicação, cuja base é a produção de sentido (OLIVEIRA; HENNINGER, 2013). Para a Escola, “a comunicação é parte do processo de organizar, é a própria substância que alimenta esse processo, à medida que suas práticas dão origem a sistemas de significados complexos e diversos” (RUÃO; KUNSCH, 2014, p. 8). Por isso, surgiu a lógica da EM de que vai existir organização sempre que houver necessidade de se trabalhar em conjunto por resultados de um objetivo comum, como em um evento. Por isso também é que seus estudos são desenvolvidos segundo a teoria interpretativista, com a ideia de organização como processo que se desenvolve com base nas interações entre agentes, para interpretar e dar sentido às ações (TAYLOR, 2007).

Duas são as principais proposições teóricas da EM: a teoria da co-orientação e a dinâmica texto/conversação. Enquanto a primeira representa a unidade mínima de comunicação expressada na relação de troca entre os sujeitos A e B em relação a um mesmo objeto X, a segunda constitui “a essência dos processos organizantes” (CASALI, 2009, p. 114), aqueles que levam às ações da organização.

Basicamente, a teoria da co-orientação diz respeito à conciliação das perspectivas diferentes de A e B sobre o objeto X, que é próprio o desafio a ser vencido pela comunicação. Há nesse processo uma “tensão direcionada à simetria”, que é a tendência de alinhar as visões ao longo do tempo, por meio de atitudes compartilhadas sobre o mesmo objeto. Com base no conjunto A/B/X e em suas imbricações, as organizações se estendem ou são criadas no tempo e no espaço para incorporar objetos de sua prática e relacionamentos que ligam os agentes às respectivas responsabilidades (TAYLOR, 2016).

Essa teoria foi inspirada na referida ideia de que uma organização existe, independente de sua localização, porque há necessidade de se trabalhar coletivamente para atingir resultados desejados. Assim, sempre que houver grupos voltados para o desenvolvimento de interesses comuns, haverá uma organização. “Quando A/B/X tornam-se uma unidade e passam a interagir com outros agentes em relações da mesma natureza, ocorre uma imbricação de relações que se sucedem e geram as organizações” (CASALI, 2007, p. 7).

Nessa relação A/B/X, a teoria da co-orientação trabalha a comunicação em suas dimensões simbólicas e subsimbólica. A primeira diz respeito às dimensões primárias da comunicação e destaca a respectiva representação, evidenciando seu caráter referencial: fatos, conceitos, objetos e outros. O relacionamento entre os agentes A, B e X e o contexto no qual a comunicação se produz não são considerados. A segunda “refere-se à produção de

conhecimento, evidenciando a importância da comunicação nos processos de construção da realidade social (contexto) e de constituição da identidade do ser, do outro e da sociedade (relação entre A e B).” Nessa dimensão, a comunicação promove a construção interativa do conhecimento; é a comunicação constitutiva que reconstrói o ambiente organizacional por meio da construção de sentidos (CASALI, 2009, p. 115). O aspecto simbólico e o subsimbólico da comunicação correspondem à comunicação informacional e à relacional que veicula informação, identifica fontes e fluxos e que se caracteriza pela interação, identificação de instâncias de emissão, de circulação e de recepção e pela produção de significados respetivamente (MARCHIORI; BATISTELLA, s/d, p. 104).

Conforme Taylor (2007, p. 89), “o componente comunicacional da situação só se torna explícito, quando o objeto X é o foco comum de um agente A, e alguém se beneficia do resultado da ação de B.” O foco, nas relações da comunicação, encontra-se no potencial do objeto X para sensibilizar e motivar uma troca de valor (para A) para valor (para B). Essa relação co-orientacional é mediada pela concentração dos agentes A e B no objeto X e motiva e unifica as trocas no processo comunicacional (TAYLOR, 2007). As relações entre A/B/X ocorrem por meio de textos e de conversações que correspondem à segunda proposição teórica da EM: dinâmica texto/conversação.

A dinâmica texto/conversação considera que o desempenho organizacional pode ser influenciado por sentidos transmitidos ou provenientes de situações relacionadas com comportamentos e percepções individuais e coletivos. Ou seja: os agentes (A e B) têm uma percepção própria preliminar sobre aquilo que vão realizar ou discutir (X). Mas nas sucessivas interações, diante do objeto, os agentes A e B vão atribuir um significado a X, num processo de construção de sentidos desenvolvido por meio da interpretação e da construção da realidade. Esse processo é realizado por meio de conversações, materializadas em textos (CASALI, 2009).

O texto, produtor de significados, é o elemento base das conversações, com poder de expressar sentidos e de demonstrar o que se busca desenvolver por meio delas quanto a um objetivo comum. A linguagem utilizada, oral, escrita, deve ser adequada para alcançar os públicos nas diversas formas e nos fluxos nos quais ocorrem as conversações. “O principal instrumento de mediação dos processos de comunicação é a linguagem utilizada pelos agentes” (CASALI, (2009, p. 126). Já a conversação é o “*locus* empírico” do texto, é o momento e o espaço de interação dos agentes dos quais o texto emerge por meio de discursos e diálogos. As conversações modelam e são modeladas pela demanda, criando ou recriando sua realidade. Elas ocorrem em vários fluxos, níveis e instâncias ao mesmo tempo (CASALI, 2007).

A princípio, essas interações são feitas por meio de conversações informais que vão se cristalizando e se transformam em textos formais. Esses se tornam foco de outras interações que, por sua vez, vão gerando conversações e textos novos (CASALI, 2009). O objetivo é alcançar uma visão comum sobre objeto ou demanda. É um processo complexo que envolve vários entendimentos, às vezes até conflitantes.

No contexto amplo e complexo das conversações em seus fluxos, níveis e instâncias, a preocupação com a construção do texto e o compartilhamento de seus sentidos se destacam. É que “o texto reserva espaço para uma infinidade de realizações relacionadas com o momento da enunciação, em que a língua pode ser compreendida como atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH, 2002, p. 17). Na comunicação, o que pode se tornar ou não comum é o “sentido” que representa a “resposta mental a um estímulo percebido pelo corpo e que, na mente, torna-se informação”. Esse sentido é formado, apresentado e negociado e é a base de todas as práticas sociais e interações em qualquer organização (família, trabalho em grupo e outros) (VILALBA, 2006). Na construção de sentido, os agentes “criam” o ambiente em que atuam, dão sentido àquilo que vai ser

elaborado ou promovido, sentido às ações. É um processo singular no qual indivíduos desenvolvem mapas cognitivos de seu ambiente; a singularidade se refere à compreensão, à construção de significados e outros. Esse processo envolve a atividade individual e a social que às vezes não podem ser separadas (WEICK, 1995). Já o compartilhamento de sentidos se revela um momento importante, pois se não há um *locus* único (de interpretação) e se não se opera com interações em tempo real, organizações não podem ser criadas ou, na proposta deste estudo, eventos não podem ser realizados (PRIMO, 2014).

“Os indivíduos iteram para entender a situação em que se encontram e para transmitir a outros agentes como percebem a experiência que vivenciam”. Quando estão em interação, são envolvidos na atividade pela interpretação e pela construção da realidade, representada pela demanda. “Tal atividade lhes permite compreender a situação que vivenciam, imprimindo significado à situação e a seus agentes (A/BX)” (CASALI, 2009, p. 126). Nesse processo, símbolos e ações simbólicas são repassadas, adequando-se a um esquema interpretativo no qual é necessário compreender a organização e criar um sentido para a demanda. O esquema de interpretação deve ser bem avaliado, só havendo legitimação quando o resultado da interpretação do sentido atribuído ao objeto for compreendido e aceito pelos agentes (CASALI, 2009; 2007)

O foco da EM sobre o texto não se refere à estrutura dele, mas a seu impacto sobre os membros da organização nas conversações (PRIMO, 2014). A dificuldade de se absorver uma declaração de outra pessoa (texto) está no potencial de variabilidade (de interpretação) que cada declaração pode ter sobre aquilo a que se refere, pois enquanto uns leitores ou ouvintes podem absorvê-la de forma inconsistente, outros podem chegar a uma interpretação mais fidedigna. Isso quer dizer que os textos “são repositórios de múltiplos significados” (TAYLOR et al. , 1996, p. 1, 2).

Na EM, o texto é pesquisado em sua dimensão ilocucional (enunciado) e na dimensão perlocucional (efeito e consequência do ato ilocucional sobre as ações dos ouvintes), sendo considerado actante (PRIMO, 2014). Os textos são actantes porque são agentes de ações indicadas pelo verbo. “O termo ação se refere à produção de algum tipo de mudança”, e o texto é agente dessa mudança (COOREN, 2004, p. 4).

Eventos: visão teórica atualizada

Na Idade Contemporânea – de 1789 à atualidade –, a sociedade passou por grandes mudanças com os efeitos da Revolução Francesa (ideais de liberdade, igualdade e fraternidade) e da Revolução Industrial (transformação da indústria manual em mecanizada e substituição do trabalho humano pelo da máquina a vapor) (MATIAS, 2013). Tais mudanças deram lugar à ascensão dos eventos como instrumentos de negócio, propícios à interação entre fornecedores e consumidores para atingir propósitos comerciais (POIT, 2004), além de outras finalidades. Consequentemente, emergiram daí tipos de evento distintos em relação aos objetivos e ao porte, ensejando classificações diversas e pormenorizadas.

Conceitualmente, “evento é um conjunto de ações profissionais previamente planejadas, que segue uma sequência lógica de preceitos e conceitos administrativos, com o objetivo de alcançar resultados que possam ser quantificados e qualificados junto ao público-alvo.” Tem objetivos definidos claramente e um perfil marcante, que corresponde à área de interesse: social, esportivo, comercial, religioso, cultural, filantrópico e outros. “Sua realização obedece a um cronograma e uma de suas metas é a interação entre seus participantes, público, personalidades e entidades” (POIT, 2004, p. 19). Segundo o Manual de Eventos do Senado Federal (BRASIL, 2013), evento é um instrumento estratégico de comunicação, usado para informar e mobilizar públicos de interesse. Acontece de forma

articulada a outras ferramentas visando atingir os objetivos de comunicação. A Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão n. 060/2015 da UnB define eventos como: ações de curta duração, não continuadas, que buscam promover a apresentação do conhecimento ou produto cultural, tecnológico ou de inovação, concebido e desenvolvido no âmbito da Universidade (UNB, 2015, p. 1). Em qualquer caso, “é um fato que desperta a atenção. É a execução do projeto devidamente planejado de um acontecimento, com o objetivo de manter, elevar ou recuperar o conceito de uma instituição junto ao seu público de interesse” (ANHEMBI, 2014, p. 7). Como vistos hoje, eventos “constituem a mais nova mídia atuante em nosso meio. Tornaram-se estratégias de comunicação [...]” (PESSOA, 2015, p. 189).

Os eventos são estruturados com base em um planejamento dividido em etapas: coordenação, produção, monitoramento, protocolos, execução e avaliação, isto é, há uma organização no sentido de dispor, arrumar. E como, conceitualmente, tornaram-se estratégias de comunicação, os eventos podem ser vistos como organização e como comunicação. Como organização, os eventos são inseridos na perspectiva organizacional, isto é, de que organizações são sistemas sociais, formais, integrados por recursos materiais e imateriais e por indivíduos que comunicam e interagem entre si e com os diferentes públicos estratégicos, a fim de desempenhar propósitos comuns e formais. Entre as diversas perspectivas, organizações são consideradas organismos que compreendem as necessidades e as administram para alcançarem seus objetivos; são fluxos e transformação, porque envolvem uma lógica de mudança da vida social, na medida em que implica uma troca com a sociedade; são sistemas políticos, porque se baseiam em princípios políticos com diferentes regras e fatores que norteiam a própria política organizacional; são cultura, por constituírem realidades sociais construídas e sustentadas por valores, normas e crenças. Mas para que funcionem, independente da perspectiva, as organizações devem contar com um ambiente interno, uma estrutura desenvolvida com base em regras, objetivos, cargos e procedimentos com função, sendo todas as ações da organização permeadas pela comunicação (MORGAN, 2000). Por isso, cabe a noção de que a organização envolve uma “rede de significados subjetivos que os membros partilham e que parecem funcionar de uma maneira regular” (PIRES; MACÊDO, 2006, p. 87). Organização também é a combinação de esforços individuais para a realização de propósitos coletivos. Esse esforço vem dos grupos sociais e são orientados deliberadamente para o alcance de objetivos (MAXIMINIANO, 2000).

Diferente dessas visões, para a EM organizações são “construções plurais instituídas nas práticas cotidianas de seus membros, atores, atores sociais com capacidade de agir por meio da comunicação” (CASALI; TAYLOR, 2003, p. 29). Aí se insere a já citada noção de organização da EM, como oriunda da necessidade de se trabalhar coletivamente por resultados comuns (TAYLOR, 2007), o que inclusive tem apoio na etimologia da palavra: organização é o ato de organizar, é o resultado de ações de ordenação, seja na forma como pessoas se relacionam entre si e com o ambiente, seja na forma como se ordenam elementos e materiais, sempre com uma finalidade contrária ao caos. Organização é uma forma de se dispor “um sistema para atingir os resultados pretendidos. [...] é formado por uma, duas ou mais pessoas que executam funções de modo controlado e coordenado com a missão de atingir um objetivo em comum com eficácia” (<https://www.significados.com.br/organizacao/>). E esse é o caso do evento, que constitui uma organização na medida em que da comunicação entre agentes vai surgir o corpo de ideias e de ações que vai levar adiante determinada proposta e objetivo.

Organizações, como “construções plurais, instituídas nas práticas cotidianas de seus membros”, surgem da imbricação de inúmeras relações entre seus agentes – indivíduos e ações – e são consideradas unidade mínima de comunicação e de organização (como procedimento). Essa imbricação é representada por uma série de interações entre os agentes e o objeto das ações, constituindo um processo de comunicação organizacional que visa a um fim comum (CASALI, 2009). Nessa concepção, o que se chama de ação organizacional é

“uma ação individual legitimada por diversos processos de comunicação” (CASALI; TAYLOR, 2003, p. 29).

Ora, se é a comunicação (não os indivíduos) que delinea a forma da organização, pode-se dizer que as organizações emergem da comunicação e representam um “tecido” dela, pois envolvem um sistema interativo de indivíduos em sua criação e desenvolvimento (CASALI, 2009). A comunicação pode então ser percebida como um composto que dá forma à organização e é determinante para sua configuração, tornando-a aquilo que ela se propõe a ser (SCROFERNEKER, 2006). Por isso, diz-se que não há organização sem comunicação, e não há comunicação sem organização.

Uma organização surgida da comunicação se opõe à ideia de comunicação como *container*, instrumento a serviço de objetivos internos e externos. Na perspectiva de que toda ação humana tem uma racionalidade que envolve meios e fins, Kunsch (2006) defende que, necessariamente, a comunicação tem que ser entendida como parte inerente à natureza das organizações. Essas são formadas por pessoas que se comunicam e se integram por meio de relações interativas, viabilizando o sistema funcional. Só assim elas conseguirão sobreviver e atingir seus objetivos num ambiente de diversidades e de transações complexas.

Os eventos se inserem nesse contexto, e este trabalho foi desenvolvido na perspectiva de que a ação, a comunicação e a organização constituem uma única e inseparável instância (TAYLOR et al., 1996). É na interpretação que as ações se tornam compreensivelmente organizacionais no sentido do termo, isto é, quanto a papéis, agentes, missão, objetivos, planos, relacionamentos e outros. A noção de evento ratifica a essencialidade da comunicação para fazer emergir a noção de ordem (das ações) e de combinação de esforços (da equipe de produção).

Diante disso, como todos esses aspectos se referem à organização que emerge da comunicação, como uma organização necessariamente não precisa de espaço físico para desenvolver determinadas ações, visando a um objetivo comum e como, segundo evento é um dos meios mais poderosos da estratégia comunicacional (GIÁCOMO, 2007), chega-se à seguinte conclusão: EVENTO = ORGANIZAÇÃO = COMUNICAÇÃO.

O planejamento de eventos obedece a um comando sequencial lógico, pontuado por procedimentos. Desde sua concepção, é fundamental compreender exatamente o que o evento deseja propor e quais são os processos inerentes a sua realização para que ele se torne um projeto bem delimitado (SANTOS et al, 2010). É preciso ter focos distintos para as quatro diferentes fases do planejamento e sua organização: concepção – incorporação da ideia pelos empreendedores, com identificação das necessidades, objetivos específicos e outros; pré-evento – fase fundamental que engloba desde os primeiros esforços até as etapas de preparação e desenvolvimento do evento; per ou transevento – realização das atividades, subsidiada por um *checklist*, elaborado conforme as determinações previstas; pós-evento – avaliação e encerramento, quando há a avaliação técnica, administrativa e dos participantes, para identificar os pontos fortes e fracos da operacionalização do evento (MATIAS, 2013).

Essa sequência tem natureza funcionalista, marcada pela busca de objetividade, de tangibilidade e de concretude em cada etapa dos processos. No serviço público, há predomínio do paradigma funcionalista, que enfatiza o equilíbrio, a ordem, a estabilidade e a manutenção do *status quo* e é orientado para a obtenção de objetivos (ANDION, 2012). A UnB é uma instituição pública, logo, detém muitas dessas características.

Porém, o fato de o evento na UnB basear-se no paradigma funcionalista, caracterizado por propriedades estruturais da realidade concreta, e a proposição deste trabalho centrar-se na abordagem interpretativista (foco em noções da EM), voltada para processos simbólicos de ações contínuas, não implica incompatibilidade. Aliás, este é até o desafio epistemológico deste trabalho: fundamentar a análise da construção do texto e de seus sentidos “em um

terreno plano [...] que facilite a construção de um modelo mais abrangente para compreensão da comunicação organizacional”, de modo a desaparecerem “as dicotomias e a realidade (da construção de texto e de seus sentidos) ser compreendida em toda a sua dinâmica” (CASALI, 2004, p. 8, 1).

“Boas-Vindas aos Calouros”

O Boas-Vindas é um evento amplo, constituído de atividades voltadas para várias áreas de interesse ao mesmo tempo. Não corresponde só a uma classificação quanto à área nem quanto ao tipo, devido às atividades que engloba. É um evento regional (abrange Brasília e cidades satélites do Distrito Federal), social (envolve alunos e sociedade), político (atende a uma política particular da instituição) e de oportunidade (realiza-se duas vezes por ano, quando da entrada de alunos recém-aprovados nos processos de seleção da instituição).

O Boas-Vindas é produzido por servidores da instituição, representantes de 20 setores da UnB, encarregados de tarefas distintas, grande parte relacionadas com os setores de origem. Ao final, reproduz muito da cultura organizacional, principalmente quanto à comunicação mais unidirecional que se limita à transmissão de informação.

De forma abrangente, quando se quer atingir objetivos, organizadores de eventos devem conhecer a importância das atitudes, das percepções e das imagens na formulação de planos no processo gerencial que constitui o planejamento, a organização, a direção e o controle (SILVA, 2008). O Boas-Vindas se desenvolve dentro dessas etapas, sendo o plano inicial (estágio 1) elaborado pela Decana do Decanato de Graduação junto com a coordenadora do evento, a partir do relatório de avaliação do evento anterior e das novas propostas. No estágio 2, o cronograma geral, a distribuição de tarefas e de funções e as ações são transmitidos à equipe e discutidos nas reuniões ordinárias e extraordinárias que têm início cerca de cinco meses antes da próxima edição. No estágio 3, são implementadas as ações planejadas e disseminadas na etapa anterior, e no estágio 4, é feita a avaliação geral do evento, apresentada sob forma de relatório.

Autores, como Farias e Gancho (2014), consideram que o pré-evento (estágio 2 do planejamento) torna-se tão ou mais importante que o evento em si, pois ele é a base para o sucesso do evento. O pré-evento engloba todas as etapas de preparação e desenvolvimento do projeto: a correta definição da programação, a escolha e o treinamento de toda a equipe organizadora envolvida, a definição de data e local, o uso de equipamentos adequados, entre tantas outras variáveis capazes de influenciar o resultado final, a as quais se tornam imprescindíveis o uso da comunicação.

É uma fase complexa que requer comando firme e tempo para que todos os procedimentos sejam esquematizados, de forma que o evento possa ocorrer de acordo com os objetivos planejados. Por isso, o planejamento deve ser diretamente vinculado às estratégias de comunicação para que todas as suas etapas sejam realizadas da melhor forma possível, a fim de se potencializarem resultados (SILVA, 2008). Por isso também, a construção do texto e o compartilhamento de sentidos são pontos fundamentais das estratégias de comunicação, pois em grande parte depende deles a melhor interpretação das ações a serem desempenhadas. “É a materialização da linguagem que permite que a organização transcenda as condições estritamente locais de sua produção” (TAYLOR; VAN EVERY, 2000, p. 31).

O compartilhamento de sentidos se revela um momento importante, pois se não há um *locus* único (de interpretação e de sentido) e se não se opera com interações em tempo real, organizações não podem ser criadas ou, na proposta deste estudo, eventos não podem ser realizados (PRIMO, 2014).

A propósito, em se tratando de significado e de sentido, considerem-se as diferenças:

o significado de uma palavra é uma parte dela que “permanece estável em todas as mudanças de sentido dessa palavra em diferentes contextos.” Já o sentido é inconstante. “O sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência; é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada”. Há correlação entre significado e sentido (VIGOTSKI, 2009, p. 465).

Metodologia

A investigação é classificada como exploratória, porque sobre o tema aplicado à situação específica não foram encontrados estudos. Pesquisas exploratórias são as que investigam assuntos sobre os quais “não há informação e se deseja conhecer o fenômeno” (RICHARDSON et al., 2012, p.66, 326). Também é uma pesquisa explicativa, porque se buscou analisar os elementos identificados no contexto em que foram utilizados, tendo em vista a proposta da EM de que as ações organizacionais são subsidiadas, implícita e explicitamente, por textos. Vem daí a importância desse e do compartilhamento de sentidos.

A abordagem é qualitativa, porque visou identificar, dentro da preocupação com o texto, suas características de construção. O aspecto qualitativo “remete a uma questão de semântica com a qual são descritas as situações observadas” (THIOLLENT, 1997). Seis categorias podem auxiliar a delimitação do fenômeno: atos – ações curtas em situações específicas; atividades – ações mais longas; significados – manifestados nas produções verbais (escritas e orais) dos envolvidos; participação – envolvimento dos sujeitos à situação; relações – surgidas do intercâmbio entre as pessoas numa situação determinada; situações – foco do estudo (TRIVIÑOS, 1987).

Quanto aos meios, a pesquisa se caracteriza como estudo de caso porque enfocou um processo de comunicação referente a um evento específico. Estudo de caso é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes” (YIN, 2010, p. 39). Também é uma investigação de campo, porque enfatizou a realidade empírica do fenômeno pesquisado (SANTAELLA, 2010) e buscou aprofundamento da realidade de determinado grupo na interação dos componentes (GIL, 2008). É uma pesquisa bibliográfica, porque foram consultadas publicações que tratam do tema (SANTAELLA, 2010). Especificamente, foram abordados quadros conceituais da EM quanto aos pressupostos interpretativistas na análise dos dados de campo.

O foco da pesquisa foram as reuniões realizadas na fase pré-evento de produção do evento Boas-Vindas aos Calouros da UnB, referentes à segunda edição de 2017. As reuniões aconteceram nas dependências da UnB. Os sujeitos da pesquisa foram os 25 representantes dos Departamentos que integram a comissão organizadora e um convidado, totalizando 26 integrantes, originários de vários *campi*, e os coordenadores, que se dispuseram a participar.

Como procedimentos de coleta de dados, foi utilizada a observação direta em campo, recomendada para estudos de caso (YIN, 2010) e para pesquisas qualitativas (TRIVIÑOS, 1987). Os dados foram coletados pela pesquisadora durante as reuniões ordinárias, promovidas pela coordenação do Boas-Vindas na fase do pré-evento.

O projeto de pesquisa foi submetido aos Comitês de Ética da Universidade Católica de Brasília e da Universidade de Brasília (local da pesquisa), acompanhado dos respectivos documentos. Foi aprovado por ambos sob os protocolos UCB 64589317.1.0000.0029 e CEP/CHS-UnB 68895417.0.0000.5540. Aos integrantes da comissão e ao coordenador, foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados e discussão

Os resultados encontram-se organizados em tópicos, de modo a proporcionar uma visão geral do processo de coleta de dados, do ambiente e dos integrantes envolvidos e dos elementos identificados na construção do texto.

Perfil demográfico da comissão organizadora do Boas-Vindas aos Calouros e procedimentos operacionais da pesquisa

Quadro 1 – Perfil demográfico dos integrantes da comissão organizadora

Características	Especificações
Sexo	Feminino e masculino
Idade	25 a 60 anos, com predominância da idade média de 35 anos
Escolaridade	Graduado e pós-graduados (<i>lato e strictu sensu</i>), com predominância de pós-graduados
Tempo de trabalho com eventos	Variando de menos de um ano 12 anos, com predominância média de 2 anos
Trabalha no “Boas Vindas” (evento semestral)	Variação de uma a 16 edições, com predominância média de duas edições.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

O quadro 1 acima reflete heterogeneidade entre os integrantes da comissão de produção do Boas-Vindas, edição do segundo semestre de 2017, relativamente à formação acadêmica e à experiência no trabalho com eventos. Em relação a este trabalho, a heterogeneidade pode demonstrar formas diversificadas no uso dos recursos da linguagem para a construção de textos, entre outros.

A pesquisa empírica foi delimitada à fase de pré-evento/planejamento do Boas-Vindas, em cujas reuniões se discutiram as ações a serem desenvolvidas (quadro 2) e a forma de operacionalizá-las em cada etapa. Na fase anterior, a concepção, foram feitos ajustes e atualizações em relação à concepção original; a posterior é a realização do evento.

Quadro 2– Evento – execução do Boas-Vindas

ETAPAS	AÇÕES
Momento 1 – Felicitações ao recém-aprovado	Comunicação oficial e personalizada (e-mail) parabenizando o aluno pela aprovação e informações iniciais; lançamento da campanha institucional vigente pelas redes sociais no site do evento; informes e atualizações aos aprovados sobre a divulgação do resultado e o dia do registro; sensibilização em relação ao trote; vídeo de boas-vindas do Reitor e do Decano de Graduação.
	Registro acadêmico, primeiro contato do estudante com a Universidade para garantir a vaga; ampla sensibilização dos alunos por meio da campanha institucional; trilha do acolhimento: percurso do estudante no dia do registro para efetivar a

Momento 2 – Registro de matrícula	matrícula com a equipe da Secretaria de Administração Acadêmica (SAA); apresentação das oportunidades/serviços/programas e projetos acadêmicos por servidores de diferentes unidades administrativas; instalados no Instituto Central de Ciências Sul (ICC Sul); apresentação de filme institucional; informações sobre a matrícula WEB; tour pelo campus; recepção aos calouros estrangeiros; disponibilidade de agendas dos calouros sobre o processo seletivo, a documentação obrigatória, datas e locais para se registrar, disponíveis no site do evento: www.boasvindas.unb.br
Momento 3 – Aula magna	Apresentação da administração central; aula proferida por personalidade convidada; atração cultural; trote solidário/campanha de doação de sangue voluntária; distribuição de “kits” diversos.
Momento 4 – Ativ. p/calouros	Participação dos calouros em atividades esportivas, culturais, rodas de conversas e oficinas durante sua primeira semana na universidade
Momento 5 – Recepção nos cursos	Continuidade da recepção nos próprios cursos para apresentação dos Projetos Pedagógicos, do corpo docente, atividades curriculares e complementares.

Fonte: adaptado de <http://www.boasvindas.unb.br>

O procedimento da observação para a coleta de dados foi feito com utilização de um gravador e com anotações de dados complementares não captáveis na gravação, como gestos, sons externos e outros. Essas anotações foram adicionadas às transcrições, de modo que o gesto ou som fossem analisados concomitantemente à fala. Tipos de linguagem podem ser acrescentadas aos atos da comunicação para enfatizar, reforçar ou mesmo para negar significados. Para a EM, pessoas usam os recursos da linguagem para melhor interagir (CASALI, 2007), e os textos são produto dessa interação, meio pelo qual as ações são intercambiadas nos espaços e nas conversações (TAYLOR; CASALI, 2010).

Na fase de pré-evento, foram realizadas 10 reuniões (de 3/5/2017 a 3/8/2017) e uma de avaliação. Desse total, sete foram abrangidas pela pesquisa, cujo início se deu após a autorização final dos Comitês de Ética da UCB e da UnB para sua realização. A pauta para as reuniões selecionadas previu (quadro 3):

Quadro 3 – Pauta das reuniões objeto de análise

Reunião/Data	PAUTA
Reunião 4 Data: 31/5	<ol style="list-style-type: none"> 1. Decisão quanto às ações que serão realizadas ao longo do semestre para continuidade da campanha do Boas-vindas. <ol style="list-style-type: none"> a. Mostra itinerante para oferecer informações que são necessárias após a entrada do estudante na UnB; b. Mostra das atividades de Extensão que ocorrem na Universidade. Essa mostra poderia ocorrer mensalmente; c. Sugestão de participação de padrinhos para estudantes de outros estados e estudantes em risco para auxiliarem a conhecer a capital federal e a Universidade, 2. Datas do resultado do vestibular e registro acadêmico; 3. O registro ocorrerá nos postos avançados; 4. Informações sobre o mediador; 5. Processo de orçamento de material em andamento; 6. Continuidade do <i>checklist</i>.

Reunião 5 Data: 8/6	1. Mudança de local do registro; 2. Aula inaugural - apresentação definição mediador, formato, entrevistados, possíveis atrações culturais, infraestrutura e programação para o dia da aula; 3. Definição do nome da aula inaugural; 4. Apresentação de proposta de agenda para os dias do registro. SOU [Gama, Planaltina e Ceilândia]; 5. Manual do Calouro; 6. Apresentação de proposta para o "brinde" dos calouros; 7. Apresentação de propostas para "Recepção aos calouros Darcy".
Reunião 6 14/6	1. Definição da aula inaugural; 2. Apresentação do cronograma do acolhimento nos <i>Campi</i> FGA/FCE e FUP em agosto; 3. Apresentação do texto para justificar o Campus Darcy Ribeiro não realizar o acolhimento no registro.
Reunião 9 Data: 26/7	1. Apresentação do roteiro de cerimonial do Boas-vindas; 2. Andamento quanto à infraestrutura e logística do evento; 3. Conclusão de assuntos pendentes.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Em todas as reuniões, os textos produzidos foram escritos e orais, com predominância dos últimos. Por isso, só os textos orais serão analisados. Das sete reuniões selecionadas para a pesquisa, devido à quantidade de material produzido (a gravação das falas totalizou 204 páginas), foram selecionadas quatro como objeto de análise, três delas (31/5, 8/6 e 14/6) por representarem o meio da etapa do pré-evento, e a outra (26/7) por se referir às decisões finais.

Na primeira leitura das falas dessas reuniões, buscando um direcionamento para a visão macro dos textos, inicialmente foram verificados aspectos do roteiro de observação delineado para essa finalidade, baseado em Triviños (1987) e Thiollent (1997): as atividades foram descritas claramente de modo a não deixar dúvidas? Foram tiradas dúvidas sobre a compreensão total da mensagem? Houve dificuldade de expressão por parte do emissor e dificuldade explícita de interpretação por parte dos receptores? Esse norteamento permitiu fazer distinções amplas no campo do sentido das falas, sendo útil para delimitar o que iria interessar ao foco do trabalho. O escopo era o esforço/tensão despendido para a simetria/convergência de sentido, que inicia com a construção de textos.

Posteriormente, procurou-se visualizar elementos linguísticos que correspondessem ao foco da pesquisa, construção de texto, e identificar atos de fala locucionários, ilocucionários e perlocucionários. Considerou-se: “Realizar um ato locucionário é, por si mesmo, realizar um ato ilocucionário [...]”, desde que se veja como a locução está sendo utilizada: resposta, informação, intenção, pronunciamento de sentença e outros (AUSTIN, 1990, p. 88); se se levar em conta os atos ilocucionários, é preciso também verificar seus efeitos sobre as ações, os pensamentos ou crenças dos interlocutores. O ato perlocucionário é resultado do ato ilocucionário (SEARLE, 1984). Os atos perlocucionários, embora processo simultâneo, não serão analisados nesta etapa do trabalho por se referirem ao efeito do compartilhamento de sentidos sobre os agentes; é uma etapa essencial do planejamento do evento. Como se trata do mesmo *locus* da pesquisa, não haverá prejuízos ou diferenças nesse sentido.

Para interpretação dos resultados, foi utilizado o método hermenêutico que se adequa a pesquisas de “formas simbólicas circulantes em contextos sociais”, como ocorre com a comunicação. Também porque seu percurso engloba procedimentos metodológicos diversos, para possibilitar a conexão entre as circunstâncias e os sentidos produzidos, veiculados e interpretados (NAZÁRIO et al., 2016, p. 1).

Os resultados da construção do texto têm como escopo as teorias da co-orientação e a

Construção do texto: atos de fala locutórios e ilocutórios

Pela teoria dinâmica texto-conversaço, a construção do texto pode ser influenciada por sentidos de palavras que são transmitidos culturalmente ou provenientes de comportamentos e de percepções individuais ou coletivas. Mas em ambiente de sucessivas interações e diante de um objeto determinado (como o Boas-Vindas), os agentes podem atribuir novos significados ou sentidos a determinados termos.

Para essa parte da análise, o entendimento básico foi o de que “expressões linguísticas menores, convencionalmente associadas a um significado, podem ser vistas isoladamente para transmitir conteúdo semântico” (STANFORD, 2017, p. 2). Os procedimentos se basearam nos elementos pragmáticos da linguagem – o texto oral não é planejado, ele se faz na hora “pondo a nu o próprio processo de sua construção” (KOCH, 2005, p. 79); na noção de que discursos, representações e sentidos são produzidos para o outro e consumidos em decorrência dele (FRANÇA, 2005) e com base no previsto pela Escola de Montreal de que o sistema linguístico é dinâmico: quando um texto é construído, são usadas ferramentas de linguagem herdadas, e quando a linguagem evoluiu, as ferramentas e os esforços (meios de compartilhamento) também mudaram (TAYLOR; ROBICHAUD, 2004).

Na leitura exploratória referente aos atos de fala e às interações entre os membros da comissão, sobressaíram-se elementos pouco associados à linguagem formal, os quais foram analisados em seu significado isolado, no sentido do enunciado e no contexto dos assuntos no qual eles foram proferidos, para verificar questionamentos quanto à compreensão. Para a Escola de Montreal, o que importa do texto é a significação, não a estrutura (TAYLOR, 2000). Depois, consultou-se a literatura específica sobre texto oral para localizar o material identificado na teoria e investigar as relações linguísticas.

O conjunto dos termos e expressões “capturado” permitiu identificar quatro categorias relativas à produção de sentido nos textos:

1 - Categoria de produção de sentido: linguagem coloquial

Embora a pesquisa tenha se realizado em reuniões convencionais, com determinado nível de formalidade pelo objetivo ao qual se destinavam – planejamento do evento Boas-Vindas aos Calouros da UnB –, o tipo da linguagem em todas as reuniões foi o informal ou coloquial. Linguagem coloquial

[...] é a versão oral da língua culta e, por ser mais livre e espontânea, tem um pouco mais de liberdade e está menos presa à rigidez das regras gramaticais. Entretanto, a margem de afastamento dessas regras é estreita e, embora exista, a permissividade com relação às "transgressões" é pequena (BUCCI, 2008, p. 7).

A linguagem coloquial tem a vantagem de ser acessível a qualquer falante e contribui para que o assunto se desenvolva com facilidade e para maior interação entre os falantes. Proporciona um melhor ambiente para o desenvolvimento da comunicação subsimbólica, definida como a da produção de conhecimento oriundo dos processos de construção da realidade social (no caso, o Boas-Vindas). É uma produção intelectual coletiva e nesse sentido vai ser apropriada de modo tal que não pode ser definida como individual. Na visão da Escola de Montreal, interações realizadas por meio de conversações informais cristalizam-se, transformam-se em textos formais e tornam-se “objeto de novas interações que geram novas conversações e novos textos” (CASALI, 2009, p. 128).

O texto falado é pouco elaborado e tem menos profundidade em relação ao léxico (KOCH, 2005). Nas reuniões, muitos termos funcionaram como articuladores de ideias: “tipo assim” (5 vezes), “tipo” (68 vezes), “pegada”, “pepino e batata quente”, “pegar carona”, “botar na mão”, “em cima dela”, “vai disparar” e “gatos pingados” (uma vez). Foram selecionados pelo uso quantitativo ou pela expressividade.

A1 – “Mas, eu preciso dos retornos, tá! **Tipo assim**: MP concordou, fulano e fulano vão concordar em fazer parte...”

A6- “...é nesse mote **tipo** ... “UnB mostra a sua cara”... A1 – “... bolo **tipo** Ana Maria...”

A5 – “... às vezes poderia ser alguma coisa, com **essa pegada**.....”

A1 – “...desculpe gente, eu só vou atender (o telefone), pq estou **com um pepino desse tamanho** pra resolver, peraf...”

A1- “...vou pegar o texto, vou **botar na mão** da C.....”

A3 – “...aparece....mas é meia dúzia **de gatos pingados**”

A1 – “...a mostra tem que ter lá...ela precisa de um olhar cuidadoso **em cima dela**”

A5 – “...aí a **UnB** sempre **pegou carona**.. com outros órgãos”

A5 – “... aí tá todo mundo assim, **com a batata quente**...

A4 – “...só que **a gente vai disparar** um pouquinho antes mesmo, porque se for com muita antecedência, eles vão esquecer”.

“Tipo” é um termo que é muito usado indistintamente nas falas, muitas vezes acompanhado de outros, “tipo assim”. A expressão geralmente indica uma comparação, mas não tem classificação gramatical. É considerado modismo da linguagem falada, por uns, e gíria, por outros. Silva (2013, p. 2) explica que é uma “expressão utilizada quando se tenta conseguir tempo para raciocinar, montar um pensamento ou mesmo concluir o pensamento, para depois falar.” Embora se observe uma comparação nas duas falas, no caso de A6, a palavra “tipo” pode até ser retirada sem fazer falta ao sentido. Mas no caso de A1, ela foi usada no lugar de outra, para fazer a comparação.

“Essa pegada” e “pegou carona” são metáforas mais difundidas, mas que, de alguma forma, representam opções pessoais de uso. Já “a gente vai disparar” não é tão conhecida. “Pepino desse tamanho”, “gatos pingados” e “batata quente nas mãos” também são metáforas que indicam problemas, mas que, de tanto uso, são consideradas gírias.

Algumas expressões comuns indicaram o intuito de os agentes não prolongarem o assunto: (25) “blá, blá”, (1) “tal, tal...”, (2) “não sei o quê” e (1) “isso, isso..” Os exemplos são aleatórios, e os termos grifados correspondem a descrições ou explicações de aspectos que poderiam ser resolvidos depois, ou seja, não atrapalhariam a reunião.

A5 – “...eu não acho mais o contato ...mas eu te passo a descrição.. **blá, blá, blá**”

A8 – “Deixa um contato quem quiser saber mais e **tal, tal, tal.** ”

A12 – “... Entra os três falando...Aí... Ah, **não sei o quê, não sei o quê**”

A5 – “...olha eu preciso de você tal dia, tal hora..., **blá, blá, blá, blá**, eles vão falar..” A1 – “...Vai lá, e fala assim J., eu queria falar **isso, isso, isso e isso**”

Essas locuções deixam explícito o coloquialismo da fala dos agentes, uma característica da oralidade. A linguagem se adapta às necessidades de comunicação e ao ambiente (BARDINE, 2017). Assim, “blá-blá-blá”, “isso, isso, isso”, “tal, tal, tal” e “não sei o

quê”... foram adaptados ao momento do texto, o qual não necessitava de mais esclarecimentos nem de serem adaptados a esclarecimentos sobre o assunto tratado.

“Blá-blá-blá”, “tal, tal, tal”, “não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê” são termos que “destituem a mensagem de carga semântica, mantendo apenas a comunicação, sem traduzir informação.” Eles se situam entre os recursos fáticos da linguagem, porque enfatizam o canal da comunicação, voltados para a conexão entre os falantes, diz Bardine (2017). Se em vez das expressões fosse descrito o conteúdo delas, poderia haver desinteresse do interlocutor.

Também foram encontradas gírias, que são expressões espontâneas da linguagem coloquial, usadas em situações de informalidade: “cara” (66 vezes), “caramba” (3), “tá legal” (duas), aleatoriamente selecionadas.

A5 – “...coisa de levar banda, é o seguinte: dá um trabalho **do caramba!**...” (muito trabalho)

A1- “...quem que vcs conhecem (para aula magna) que vcs falam: ‘o **cara** é bom **pra caramba!**’ ” (muito bom)

A10 – “...essas que a G passou **tá legal**...a agenda do calouro...(inaudível) tem esse documento...” (conformidade)

A1 – “...que a hora que eu vi a pauta... **cara**.....vai dar problema...” (espanto, susto)

A1 – “**cara**, é impressionante (batalha nas escadas)! Fui lá... fiquei de longe.” (vocativo)

Nas duas primeiras falas, foi usada a palavra “caramba” que tem muitos significados, como espanto, surpresa, impaciência, exagero e admiração, conforme o contexto da fala. Em A5, “do caramba” tem uma função de qualificar o trabalho negativamente, no sentido de ser custoso (exagero). Em A1, “prá caramba” também qualifica a pessoa citada, porém positivamente (admiração). O que dá o sentido negativo e o positivo no uso dessa palavra são as expressões que as antecedem.

Nessa segunda fala, na quarta e na quinta aparece o termo “cara” que também tem vários sentidos, conforme o contexto. Na segunda, “cara” está substituindo a pessoa, o sujeito convidado (Fulano é bom). Na quarta, “cara” pode indicar uma redução da palavra “caramba” (redução - processo de formação de palavra), pelo sentido de surpresa do texto. “Cara” pode ser substituída por “caramba” sem nenhum prejuízo de seu significado. Na quinta, “cara” tem um sentido diferente dos anteriores. Em vez de indicar “rapaz, homem” (SACCONI, 1996, verbete), nessa frase, o sentido foi ampliado para o todo, como se dissesse “pessoal”, “gente”, em um vocativo (“termo que serve para chamar alguém”, SACCONI, 1996, verbete).

Recursos sonoros foram identificados nas falas dos agentes, como estes casos:

A5 – “... apresenta pra ninguém, né. As pessoas sempre falam, sempre falam **muiiito**, sério!!

(tempo do bate-papo dos palestrantes)

A1 – isso aí, B,... **nãããooo** (interrompendo o assunto)

A2 – “...E lá fora? Naquele hall de entrada? **Láááá** de fora?

A1 – “... tão. **Envelopeessss** e **envelopessss** (em cima sua mesa)

De imediato, o efeito do alongamento ou prolongamento de sílabas dá ênfase ao que está sendo dito e seu sentido pode se modificar de acordo com a intenção da fala. No prolongamento de A5, está clara a característica de intensidade para se referir ao tempo gasto pelos palestrantes no bate-papo. É como se o advérbio fosse repetido várias vezes. Já o prolongamento de A1 indica mais uma forma incisiva, até meio cortante para encerrar um

assunto que reiniciava. Em A2, o prolongamento do advérbio dá ideia de maior distância, e A1 (2ª) prolongou o substantivo envelopes para demonstrar a grande quantidade deles, usando, ainda, o recurso da repetição. “[...] a quantidade aumentada de forma assemelha-se à quantidade aumentada de significado [...]” (KOCH, 2005, p. 130).

2 - Categoria de produção de sentido: recurso de posse da fala

Esses recursos acima citados, independente do sentido, são os mesmos que, segundo Silva et al. (2016), são usados pelo falante para “manter a posse (momentânea) do turno conversacional”, isto é, prender a atenção do interlocutor por brevíssimos instantes.

A5 – “... apresenta pra ninguém, né...as pessoas sempre falam, sempre falam **muiiiito**, sério!! (tempo do bate-papo dos palestrantes)

A1 – isso aí, B,... **nãããooo...** (interrompendo o assunto)

A2 – “...E lá fora? Naquele hall de entrada? **Láááá** de fora?”

A1 – “... tão. **Envelopeessss e envelopessss** (em cima sua mesa)

Em quatro situações, a repetição de uma mesma palavra pelo mesmo falante chamou bastante a atenção:

A3 – “[...] não apareceu **ninguém, ninguém, ninguém, ninguém, ninguém** pra receber os calouros

[...]; (reforçando a ausência total dos agentes responsáveis)

A3- “**Calma, calma, calma**”...” (diante de atropelo nos assuntos)

A3 – “ ... **Vamo, vamo, vamo** refletir, **vamo** ver onde foi que a gente errou...”

A3 – “...não vai **haver nada, nada, nada, nada, nada**”.

Palavras repetidas em sequência ou reduplicação são consideradas recursos retóricos. Quando utilizadas de forma intencional, essa repetição tem vários efeitos: intensidade, ênfase, frequência, continuação, progressão e habitualidade. “A repetição serve para criar um primeiro plano de uma ideia”, tentando torná-la persuasiva (KOCH, 2005, p. 127, 128). Em “ninguém”, “ninguém”, “ninguém” e “nada”, “nada”, nada”, o efeito de intensidade é o mesmo, diferente de se dizer a palavra apenas uma vez. Em “calma”, “calma”, “calma”, a repetição indica a necessidade de reduzir o fluxo contínuo das questões postas. É um tipo de “repetição marginal”, a que busca uma linearização para a conversa, mas o falante não vai mudar o assunto que está sendo discutido. São repetições que interrompem o fluxo para assegurar a continuidade da enunciação.

Em “vamo”, “vamo”, “vamo”, a repetição indica mais uma convocação, quando se quer passar para uma etapa diferente da conversa. “Muitas repetições funcionam como sinais retroalimentadores” (KOCH, 2005, p. 133), como parece ser o caso dessa. A3 estaria buscando *feedback* para o ponto em discussão. Em qualquer hipótese, só a ênfase da repetição já chama a atenção para o emissor.

A utilização desse recurso não deixa de ter relação com a capacidade de agenciamento dos falantes em relação ao objeto. Do ponto de vista da Escola de Montreal, essa capacidade é atribuída pelo próprio processo comunicativo e é representada pela influência mútua entre eles no intercâmbio de significados (CASALI, 2009).

3 - Categoria de produção de sentido: ênfase na manutenção do ato comunicativo

Nas enunciações, a produção de sentidos do texto muitas vezes envolve interlocutores variados, sempre permeada de vozes, o que pode gerar dificuldades à análise de materiais discursivos (SPINK, 2004). Para a Escola de Montreal, a análise do processo de comunicação requer considerar além da transmissão de informação, de entender como se dão os processos

de interação e da própria organização social. Requer verificar como a conversação funciona, tendo o texto como produtor dos significados que movem aquela (TAYLOR, 2007).

[...] observa-se que sucessivas interações alternam instâncias de construção de sentidos [...] e de transmissão de sentidos [...]. Há uma mudança estratégica no processo de criação e de atribuição de sentidos [...]. Os indivíduos interagem para entender a situação em que se encontram e para transmitir a outros agentes como percebem a experiência que vivenciam (CASALI, 2009, p. 127, 120)

Aí se insere, por exemplo, testar se o canal, meio pelo qual a mensagem é enviada (nas reuniões, a linguagem oral), está funcionando adequadamente, se a mensagem foi recebida e a reação do receptor. Às vezes, os sinais da comunicação se misturam – quando há mensagens diferentes sobre o mesmo tópico; há questões de semântica – o significado de algo pode variar de pessoa a pessoa, ou a mensagem pode ser compreendida pela metade (DUBRIN, 2008).

Foram observados nas quatro reuniões selecionadas: (631) “né” e “entendeu”, (726) “tá”, (24) “perai” e (4) “viu, dos quais foram extraídos, aleatoriamente, os exemplos abaixo. É de uso muito geral e cotidiano o emprego de termos com a função de verificar se o receptor está acompanhando o rumo da fala do emissor ou, teoricamente, de testar o canal:

A5 – “.....sendo que eu acho que a DDS precisaria estar, **né?** (não é)

A4 – “.....Não no registro, **né?**

A7 – “.....precisa ser construída em conjunto, **né?**

A12 – “..é como se fosse assim, blocos. A banda separa os blocos, **entende?**”

A1 – “...é, a... eu queria que vcs sugerissem nomes de pessoas ...que vcs conhecem ... pra depois a gente filtrar, **entendeu?**

A20 – “É... S. Eu tô indo, **viu?** (ouviu)

A1 – “.....eles tomam conhecimento e dão as sugestões, volta pra cá de novo pra gente discutir, **tá?** (está certo)

A1 – “....Eu vou anotar tudo o que vocês tão falando. **Peraí.** ” (espere aí)

Vocábulo como os grifados acima são chamados de marcadores e são considerados importantes na interação entre falantes, mesmo não sendo abrangidos como tais pela gramática normativa “e serem alvo de estigma social, os marcadores discursivos se firmam como elementos de uma categoria, dado o seu comportamento sistemático e os indícios de normatização em contextos de escrita” (FREITAG, 2007, p. 40). Vocábulo e expressões desse tipo se referem ao que Austin (1990, p. 86) chama de “atos fáticos”; “consistem no proferimento de certos vocábulos ou palavras” que encontram uma conformidade com a gramática. No caso, essa conformidade é representada pela apócope e pelo processo de formação de palavras.

Termos como “né” são apócopies (supressão de fonemas ou de sílabas) de um vocábulo/expressão, no caso, “não é”. “Viu”, simplificação de ouviu, é um exemplo do processo de formação de palavras, a abreviação, que “é a redução de palavras até o limite permitido pela compreensão” (SACCONI, 2001, p. 95). “Tá” e “perai” são outros exemplos de simplificação fonológica, respectivamente das expressões “está certo” e “espere aí”, geralmente influenciada pelo contexto (TEIXEIRA, 2015). Lopes (2001, p. 63) chama expressões desse tipo de “repetições ritualizadas” para saber se a comunicação está funcionando; “serve para manter o diálogo, mesmo sem transmitir mensagens precisas. Não comunica nada, mas mantém aberto o canal de comunicação entre o emissor e o receptor.”

Além das repetições, a fala tem outros elementos que tanto servem para complementar o texto, como para reforçá-lo. Expressões onomatopeicas se inserem nesse contexto. Foram identificados pontualmente os seguintes casos nas reuniões selecionadas:

A1 – “...mas A3 **bateu lá...pá** (bateu uma mão na outra) e falou...”

A1- “...mas eu queria que na quarta a gente já **batesse o martelo pááááá...**”

A1- “...o aluno chega, a gente acolhe e **tchummm!** Solta .. Aí o menino fica sozinho aqui...”

A1 – “.. não foi 17 (a hora) não...não **tsu,tsu,tsu...**”

A6 – “..deveria ser previsto um calendário, provavelmente, datas no Darcy, na Ceilândia, no Gama, em Planaltina..... (**batia a caneta na mesa cada vez que citava um campus**)”.

No plano da oralidade, não há necessidade de outra tecnologia que não os recursos de que a pessoa dispõe, ou seja, a língua, gestos e outros recursos sonoros (MARCUSCHI, 2007). Teoricamente, na fala, o uso de onomatopeia não tem uma função específica a não ser desenvolver um aspecto coesivo na construção do texto. Onomatopeias são “estratégias discursivas para direcionar a atenção do ouvinte para certos trechos do discurso.” É usada principalmente para ressaltar o lado expressivo do texto, em oposição ao lado proposicional, a parte falada, o enunciado, constituído de formas e de palavras lexicalizadas (DUTRA, 1997).

Nas três primeiras falas acima, as onomatopeias são consideradas lexicais, porque representam sons imitativos daquilo que se quer demonstrar: **pá...**, chegou a um lugar; **pááááá...**, barulho do martelo; **tchumm...**, jogar alguém na água. Onomatopeias reproduzem sons como os barulhos da natureza (tchummm) e produzidos pelo ser humano (bater o martelo). São imitativas, “tomam uma forma regular e passam a integrar uma classe morfológica,” sendo ainda figuras de linguagem (DICIONÁRIO INFORMAL, 2017, p. 2). Por isso, são conhecidas como lexicais. Na quarta fala, no **tsu,tsu, tsu**, reforçando a resposta negativa de A1, pode-se falar em onomatopeia que já foi convencionalizada para representar “não”, inclusive muitas vezes havendo um balançar de cabeça enquanto a expressão é pronunciada. “Algumas (onomatopeias) se encontram convencionalizadas, e outras são facilmente criadas no dia a dia, sendo um processo automático da linguagem oral. [...] são usadas e entendidas de forma natural pelos falantes, sem que haja necessidade de explicação das mesmas” (NORMA CULTA, 2017, p. 3)

No caso de A6, a batida da caneta na mesa não constitui exatamente uma onomatopeia, mas a simples provocação de ruído com o objetivo de pontuar os campi, chamando a atenção ou reforçando a quantidade. A batida da caneta a cada referência a um campus pode indicar mais uma contagem desses campi, uma vez que o contexto era o da participação de todos na construção de uma proposta.

4 - Categoria de produção de sentido: legitimação de processos

Nas falas das reuniões pesquisadas, foram encontradas expressões metafóricas, também já absorvidas pela denotação, de uso comum e com sentidos bem orientados. A substituição de palavras pode indicar preferências pessoais ou uso de termos que compõem seus repertórios linguísticos, “[...] termos, conceitos, lugares-comuns e figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades de construções de sentidos”. Os repertórios não são aprendidos formalmente, são adquiridos ao longo do tempo (SPINK, 2004, p.46).

Para a Escola de Montreal, a organização requer racionalização, que pode ser expressa, por exemplo, por meio de expressões simbólicas que representem a intenção do grupo, reproduzindo um ponto de vista sobre algo (TAYLOR, 2000). Expressões linguísticas, como objetos da comunicação (em sua produção), elementos do ambiente material e social, incorporam significados e, portanto, são passíveis de interpretação (CASALI, 2007; 2009).

Nesse contexto, podem ser vistas as expressões:

A5 – “...isso já foi **batido o martelo?**” (confirmado)

A1 – “...a gente **bate o martelo** sempre nas reuniões.....” (decide)

A10 – “..... acho que a gente tem que fazer uma *mea culpa*, pois o processo foi todo atropelado...” (reconhecimento de falha).

Os termos “batido o martelo e *mea culpa*” foram selecionados por serem construções de uso comum, cuja significação foi completamente incorporada às situações em que elas foram empregadas. No contexto das reuniões, essas expressões tiveram o sentido de legitimação dos processos, ou seja, quando sua significação e seu sentido foram compreendidos e aceitos pelo grupo. Para a Escola de Montreal, a legitimação resulta da interpretação: quando A, B, C...captam o mesmo sentido sobre determinada ação referente a X, descrita no texto (CASALI, 2009, 2007).

Outros exemplos das falas

Na sequência das conversas, pôde-se perceber que muitas frases não davam um seguimento direto ao assunto, sendo entrecortadas por outros, como se a primeira ideia puxasse outra, essa também puxasse outra e assim por diante, sem fechar a primeira. Muitas vezes, o referente (como resposta ao interlocutor anterior) era colocado no início e retomado no fim, após vários entrecortes. A seleção foi aleatória.

A1 – “...Agora é construir a ideia, a gente tem que construir e ver se o pessoal, como A8 falou, **ela tem um problema de pessoal, né?**” (...e ver se o pessoal não tem continuidade_

A5 – “... os próprios calouros...**os tutores falaram, num era isso?** que eles chegavam e recebiam lá (inaudível) e fazer seu registro no SAA do posto avançado da... (inaudível) criar super sigla...aí ele já procura no google DOC..”. (a frase “os tutores falaram” quebrou a sequência da oração inicial)

A6 – “...essa situação do PAS antes foi uma exceção esse ano, a gente não tinha vivenciado isso dentro do Boas-Vindas ainda não! **mas olha, a situação em termo de pessoal...**”(a frase grifada está fora do contexto do período anterior já confuso)

A1 – “eu fiz aqui gente um levantamento, **M me mandou, porque foi eu que mandei e-mail pra vocês ontem. M, manda pra mim o contato da comissão de Boas-Vindas**”. (“fiz o levantamento” fica sem conclusão)

A3 – “E garanto pra vocês, pra onde vocês levarem, e **que fique claro aqui, que o motivo de não**, nunca jamais passou pela nossa cabeça que é esse motivo não, tá.” (que fique claro...não corresponde à ideia iniciada)

A1 – “Então, é eu vou dar logo o informe com relação ao Boas-Vindas aqui do Darcy. A M e a ...assim o pessoal da DEA não me procurou para falar nada sobre ... **lembra que a gente perguntou pra elas né se era possível fazer** ”

Koch (2005, p. 94) explica que, na língua falada, algumas construções linguísticas se desenvolvem dentro de padrões expressivos que podem ser chamados de segmentação, isto é, “qualquer tipo de alteração da ordem [] devido a uma cisão ou modificação nessa ordem”. Na linguagem oral, o fluxo do discurso tem frequentes descontinuidades, por conta de fatores cognitivos interacionais que justificam o aspecto pragmático da conversação.

A importância do texto pode ser percebida de formas distintas conforme o contexto, podendo criar consensos ou divergências, a depender a interpretação quanto às atividades a

serem desempenhadas e à visão dos membros. “A EM busca investigar como o texto age nas conversações, criando um contexto para sua ocorrência” (PRIMO, 2014, p. 524). Desse ponto de vista, na perspectiva dos enunciados (atos ilocucionários) e de seus efeitos sobre os agentes (atos perlocucionários), entende-se que é de um para outro que se dá o compartilhamento de significado. Este trabalho prendeu-se à etapa antecedente à análise dos atos perlocucionários.

Conclusão

No levantamento bibliográfico feito para esta pesquisa, confirmou-se que a abordagem da comunicação organizacional pela Escola de Montreal ainda é relativamente nova no Brasil, como demonstram não propriamente as publicações consultadas, mas as referências aos mesmos autores. Se por um lado essa bibliografia vem sendo ampliada aos poucos (o início dos estudos foi na década de 80, século XX), por outro, os autores referidos pouco se distanciam dos precursores das respectivas ideias no Canadá. Isso significa que ainda há muito a se conhecer sobre essa escola, que inova sobre a comunicação organizacional com a proposta de que organizações surgem da comunicação, isto é, da forma como se discutem e se organizam, em conversações localizadas, os rumos das ações a serem desempenhadas no âmbito das instituições, conforme seus objetivos.

É nessa perspectiva que o texto ganha importância, quando se verifica, por exemplo, que todas as ações organizacionais são subsidiadas por significados e sentidos enunciados por ele e desenvolvidos a partir dele, respectivamente. Assim, em relação ao objetivo deste trabalho – identificar e analisar formas e bases de construção de textos no planejamento do evento “Boas-Vindas aos Calouros” da Universidade de Brasília – verificou-se o seguinte:

Do ponto de vista da construção do texto, primeiramente, comprovou-se que apesar da formalidade do planejamento, o ambiente das reuniões propiciou a elaboração de textos informais na discussão dos assuntos, como ficou demonstrado nos termos utilizados pelos integrantes da comissão durante as discussões e decisões das atividades. Teoricamente, os termos e as expressões nas falas isoladas dos integrantes da comissão são compatíveis com aspectos que caracterizam o texto oral, encontrados na literatura sobre o tema. Essa correspondência reforça a noção de informalidade observada.

Com os fluxos comunicacionais ocorrendo em todas as direções, a forma como os textos foram construídos não influenciou negativamente o significado e o sentido daquilo que estava sendo discutido. Os termos e as expressões identificadas, mesmo podendo não fazer parte dos repertórios linguísticos pessoais, foram apreendidos no contexto em que foram empregados. Portanto, não houve prejuízo nem fluxos comunicacionais do momento, nem no sentido que estava sendo buscado para as ações. Isso pode ser justificado pelo fato de os integrantes da comissão conviverem no mesmo ambiente acadêmico e terem já alguma experiência no trabalho com eventos, tornando comuns determinadas abordagens ou usos linguísticos que em outro ambiente poderiam ter um efeito negativo. A construção do texto, por seus termos, não causou ambiguidade nem desencadeou novos sentidos para o significado original da ação.

Os resultados das análises realizadas na fase de pré-evento do Boas-Vindas não são indicadores de “falhas” na comunicação durante as reuniões de produção, mas sim demonstrativos de um processo complexo, quanto aos vários fatores que intervêm nele, e múltiplo, em suas dimensões de observação. Dentro disso, porém, sempre se deve pensar que tanto a complexidade como a multiplicidade podem ser minimizadas, se a comunicação sair da perspectiva do automático e da centralização para se tornar um pouco mais crítica. No caso de eventos, especificamente os resultados podem contribuir para se compreender a necessidade de se reduzirem os aspectos complexos e múltiplos inerentes à comunicação para

otimizá-lo. Isso, principalmente porque os eventos têm datas marcadas para acontecer.

A proposta da Escola de Montreal pode favorecer esse enfoque na gestão de eventos, quando destaca a importância do significado do texto desde a concepção do evento até sua organização, definida nessa perspectiva como a ação de operacionalizar, um *modus operandi*.

O tema requer mais pesquisas, seja porque a importância do texto geralmente passa despercebida, pelo fato de a comunicação ser um fenômeno comum e cotidiano, seja pelo fato de quase nunca ele ser associado às organizações como indutor de ações, pelos significados que contém.

Referências

ANDION, Carolina. Por uma nova interpretação das mudanças de paradigma na administração pública. **Caderno EBAPE.BR**. 2012; 10 (1):1-19. Disponível em: www.scielo.br Acesso em: 20 mar 2017.

ANHEMBI. **A história dos eventos**. Disciplina Planejamento e Organização de Eventos I. 2014. Disponível em: www2.anhemi.br. Acesso em: 20 dez 2016.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas: 1990.

BARDINE, Renan. **Linguagem culta e linguagem coloquial**. 2017. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com>> Acesso em: 10 out 2017.

BUCCI, Michele Nasu Tomiyama. **Linguagem coloquial e culta**. 2008. Disponível em: <http://www.facom.ufu.br/~michele/LC/Linguagem%20Coloquial%20e%20Culta.pdf>. Acesso em: 2 ago 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. Coordenação de Relações Públicas. **Manual de organização de eventos do Senado Federal**. Brasília: Senado Federal, 2013. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/manual>> Acesso em: set 2015

CASALI, Adriana; TAYLOR, James. Comunicação Organizacional: uma introdução a perspectiva da Escola de Montreal. **Revista Estudos de Jornalismo e Relações Públicas**, v. 1, n. 1, 2003.

CASALI, A. Machado. Proposta de um modelo de análise do processo de comunicação organizacional a partir das proposições da Escola de Montreal. **XXXI EnAnpad**, Rio de Janeiro, 22 a 26 de setembro de 2007. Disponível em: Acesso em: 2 dez 2016

CASALI, Adriana Machado. Um modelo do processo de comunicação organizacional na perspectiva da Escola de Montreal. In: KUNSCH, Margarida M. K (Org.). **Comunicação organizacional: histórico, fundamentos e processos**. São Paulo: Saraiva, 2009, v.1.

CASALI, Adriana. Comunicação organizacional: considerações epistemológicas. **Enanpad** 2004. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2004-teo-1975.pdf>. Acesso em: 2 ago 2021.

CASALI, Adriana Machado. Repensando a comunicação organizacional. Intercom. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação UERJ**, 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <www.portalintercom.org.br> Acesso em: 23 ago 2017.

COOREN, François. Textual agency: how texts do things in organizational settings. **Organization**, v.11, n.3, 2004. Disponível em: Acesso em: 5 fev 2017.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Onomtopéia**. Disponível em: <www.dicionarioinformal.com.br>

com.br> Acesso em: 2 out 2017.

DUBRIN, Andrew J. **Fundamentos do comportamento organizacional**. Trad. James S. Cook e Martha M. Leal. São Paulo: Cengage/Learning, 2008.

MARCHIORI, Marlene; BATISTELLA, Morgana Monteiro. **Comunicação organizacional transcendendo a comunicação transmissional**. s/d. Disponível em: <<http://www.uel.br/Gru-po-estudo>> Acesso em: nov.2016.

DUTRA, Rosália. Discurso direto e a onomatopéia: a mímica verbal na fala cotidiana. 1997 **Alfa**, n. 41 (n.esp). Disponível em: <www.seer.fclar.unesp.br> Acesso em: 13 out 2017.

FARIAS, Luiz Alberto; GANCHO, Carolina. Eventos e sua importância para a gestão da comunicação organizacional na pós-modernidade. **Revista Organicom**, v. 11, n. 20, 2014.

FRANÇA, Vera R. Veiga. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. 2005. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication>> Acesso em: 2 out 2017.

FREITAG, Raquel M. Ko. **Marcadores discursivos não são vícios de linguagem**. 2007. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php>> Acesso em: 2 out 2017.

GIÁCOMO, Cristina. **Tudo acaba em festa**: evento, líder de opinião, motivação e público. São Paulo: Summus, 2007.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martin Fontes, 2003.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. O texto: construção de sentidos. **Organon**, v. 9, n. 23, 1997. Disponível em: <www.portalsimbios.com.br> Acesso em: 10 set 2017.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2005.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Comunicação organizacional: complexidade e atualidade. In: **Novos Olhares**. 18 ed. São Paulo: ECA/ USP, 2006.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala a escrita**. São Paulo: Saraiva, 2007.

MATIAS, Marlene. **Organização de eventos**: procedimentos e técnicas. 6 ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2013.

MAXIMINIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à administração**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 2000.

NAZÁRIO, H. R.; Reino. L.S.S.; Manfredini, R. A hermenêutica de profundidade e suas aplicações. **Linguagens**. **Revista de Letras, Artes e Comunicação**, v. 10, n. 2, 2016.

NORMA CULTA. **Onomatopéia**. 2017. Disponível em: www.normaculta.com.br. Acesso: 2 dez 2017.

OLIVEIRA, Evandro Samuel; HENNINGER, Isabel. O princípio CCO. Comunicação Constitui a Organização: abordagens dedutiva, indutiva e combinada na questão constitucional. **SOPCOM**. Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2013.

PESSOA, Mirella Arruda. Os eventos institucionais como estratégias comunicativas. **Comunicologia**. Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília, v. 7, n. 2, 2015.

PIRES, J. C. S; MACÊDO, K.B. Cultura organizacional em organizações públicas no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, 2006.

- POIT, Davi Rodrigues. **Organização de eventos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2004.
- PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Como fala um actante coletivo? A organização Fifa encarnada por Jérôme Valcke. **Contemporânea**. Revista de Comunicação e Cultura, v. 12, n. 3, 2014.
- RICHARDSON, R.J et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2012.
- RUÃO, Teresa; KUNSCH, Margarida. A comunicação organizacional e estratégica: nota introdutória. **Comunicação e Sociedade**, v. 26, 2014. Disponível em: <revistacom soc.pt/index.php/comsoc> Acesso em: 20 um 2017.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática**. Teoria e prática. 26 ed. São Paulo: Atual, 2001.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Minidicionário**. São Paulo: Atual, 1996
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. 2. ed. São José do Rio Preto: Bluecom, 2010.
- SANTOS, R.; CHEHADE, M.; ROCHA, G. A importância da compreensão do conceito de eventos à execução do planejamento, perante as etapas pré, durante e pós-evento. **Revista Científica Eletrônica de Turismo**, ano vii, n.12, 2010
- SCROFERNEKER, Cleusa M. A. Trajetórias teórico-conceituais da comunicação organizacional. **Revista FAMECOS**, n. 31, 2006.
- SEARLE, John R. **Os actos de fala**. Coimbra: Almedina, 1984.
- SILVA, Rafael Leandro de Carvalho. **Resumo do livro Linguagem, língua e fala**, de Ernani Terra. 1997. 2013.
- SILVA, Mariângela B. R. Ritos, Rituais e Cerimônias e suas implicações políticas nas organizações contemporâneas. **Revista NIC**, ano 1, v. 35, 2008.
- SILVA, Pâmila Bento da; FABRON, Eliana Maria; PICOLOTO, Luana Altran; OLIVEIRA, Cristiane Moço C. **Prolongamentos na fala de adultos com e sem gagueira**. 2016. Disponível em: www.scielo.br Acesso em: 10 set 2017.
- SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2004.
- STANFORD. The notion of word. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/> Acesso em: 23 out 2017.
- TEIXEIRA, Elisabeth R. Os processos de simplificação fonológica na descrição do desenvolvimento de crianças falantes do português em situações aquisicionais típicas e atípicas. **Revista Prolíngua**, v. 10, n. 1, 2015. Disponível em: www.periodicos.ufpb.br Acesso em: 10 out 2017.
- TAYLOR, James R.; ROBICHAUD, Daniel. **Finding the organization in the communication: discourse as action and sensemaking**. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247747246_Finding_the_Organization_in_the_Communication_Discourse_as_Action_and_Sensemaking. Acesso em: 20 mai 2017.
- TAYLOR, James R.; CASALI, A. **Comunicação: o olhar da Escola de Montreal sobre o fenômeno organizacional**. In: MARCHIORI, M. (Org.). Comunicação e organização: reflexões, processos e práticas. São Caetano do Sul: Difusão, 2010, p. 69.
- TAYLOR, James R.; COOREN, François; ROBICHAUD, Daniel; GIROUX, Nico. **The communicational basis of organization: between the conversation and the text**. 1996. Disponível em: www.researchgate.net/publication. Acesso em: 25 set 2017.
- TAYLOR, James R. Coorientation. In: JENSEN, Klaus B.; ROTHENBUHLER, Eric.W.

(Eds.). **The International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy**. New York: John Wiley & Sons Inc., v. 4, 2016.

TAYLOR, James R. Da tecnologia na organização à organização na tecnologia. **Comunicação e Sociedade**, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: 2 maio 2016.

TAYLOR, James; VAN EVERY, Elizabeth. **The emergent organization: communication as its site and surface**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

TAYLOR, J. What is organization? Thinking about organization in a new way an inquiry into the ontological foundations of organization. *Electronic Journal of Communication / La Revue Électronique de Communication*, V.10, Nos.1-2, 2000. Disponível em: <http://www.cios.org/ejcpublish/010/1/01015.html>. Acesso em: 25 set 2017

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Cortez, 1997

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

UNB. Universidade de Brasília. **Edital nº 07/2015**. Projeto de Boas-vindas aos calouros da UnB. Dezembro/2015b. Disponível em: <http://www.unb.br>. Acesso em: 10 junho de 2016

VIGOTSKI, Leontiev. **A construção social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VILALBA, Rodrigo. **Teoria da comunicação**. São Paulo: Ática, 2006.

WEICK, Karl E. **Sensemaking in organizations**. London: Sage Publications, 1995.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Ana Thorell. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.